

REGAE

Revista de Gestão e
Avaliação Educacional

v. 10, n. 19, 2021, pub. contínua
ISSN 2176-2171
e-ISSN 2318-1338





REGAE

Revista de Gestão e
Avaliação Educacional

EQUIPE EDITORIAL

Editor

Claudemir de Quadros, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

Editor associado

Luis Miguel Lazaro Lorente, Universidad de Valência, Valência, Espanha.

Conselho editorial

André Luiz Paulilo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil
Antonio Amorim, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil, Brasil
Carlinda Leite, Universidade do Porto, Porto, Portugal
Carmen Lúcia Bezerra Machado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
Edna Prado, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil
Francesc Xavier Hernandez Cardona, Universidade de Valencia, Valencia, Espanha
João Paulo da Conceição Alves, Universidade Federal do Amapá, Macapá, Amapá, Brasil
Leila Lisiane Rossi, Instituto Federal Catarinense, campus de Videira, Videira, Santa Catarina, Brasil
Marcos Antonio Martins Lima, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil
Maria de Lourdes Pinto de Almeida, Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, Santa Catarina, Brasil
Marília Costa Morosini, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
Marilene Gabriel Dalla Corte, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil
Rosane Carneiro Sarturi, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

Avaliadores ad hoc

Andrea Moura da Costa Souza, Instituto Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil
Alessandro Carvalho Bica, Universidade Federal do Pampa, Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil
Carla Cristina Dutra Burigo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
Cesar Geronimo Tello, Universidade Nacional de Tres de Febrero, Buenos Aires, Argentina
Elane Chaveiro Soares, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil
Elisiane Machado Lunardi, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil
Flávia Obino Correa Werle, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil
Ione Oliveira Jatobá Leal, Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, Bahia, Brasil
Isabela Mascarenhas Antoniutti Sousa, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
João Ferreira de Oliveira, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.
Joysi Moraes, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.
Leila Lisiane Rossi, Instituto Federal Catarinense, campus de Videira, Videira, Santa Catarina, Brasil.
Luciana Backes, Centro Universitário LaSalle, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil
Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil
Maria Lourdes Pinto de Almeida, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, Santa Catarina, Brasil
Maria Salete Farias, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil
Renata Maldonado da Silva, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil
Ricieri Carlini Zorzal, Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, São Luís, Brasil, Brasil

Sofia Lerche Vieira, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, Ceará, Brasil
Suzana Cini Freitas Nicolodi, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil
Vinicius Ferreira Baptista, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, Brasil

Endereço:

Universidade Federal de Santa Maria - Centro de Educação, prédio 16 - sala 3353A.
Avenida Roraima, 1000 - 97105-900 - Santa Maria - RS - Brasil.

E-mail: revistaregae@gmail.com.

Site: <https://periodicos.ufsm.br/regae/index>.

**Catlogação na publicação eladorada por:
Rosane Scheffer Evaldt – CRB 10/2312**

Regae - Revista de Gestão e Avaliação Educacional [recurso eletrônico]. –
[recurso eletrônico. – (2009-). – Santa Maria, RS: Universidade
Federal de Santa Maria, Centro de Educação, 2009-
Publicação contínua a partir de 2009.
e-ISSN: 2318-1338
Disponível apenas online.
Título abreviado: Rev. Gest. Aval. Educ.
Sigla da publicação: REGAE
Título, resumos e textos em português; título e resumos em inglês.
Preservada digitalmente no Portal de periódicos da UFSM (Manancial).

1. Gestão escolar - periódicos. 2. Administração escolar - periódicos.
I. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação.

CDD 371.12

MEMORIAIS: “CANTOS DE EXPERIÊNCIA” VIVIDA E EM DEVIR¹

<http://dx.doi.org/10.5902/2318133868281>

Maria da Conceição Passeggi²

Mediante una suerte de apropiación de la experiencia del pasado, de paseo por las narrativas de otros, expandimos nuestras vidas y surgimos transformados, desplazándonos más allá de la mera introspección, lo cual confirma lo que ya somos. (Jay, 2009, p. 271)

Nesses últimos 22 anos li centenas de memoriais, escritos por professores do ensino superior, do ensino fundamental, da educação infantil e até mesmo memoriais escolares escritos por crianças, com o mesmo encantamento que me levou um dia a interrogar esse gênero autobiográfico, quase secular, institucionalizado pela Universidade de São Paulo, no início dos anos 1930, para provimento do cargo de professor catedrático. A partir dessa via real, o memorial acadêmico se expandiu, nos anos 1980, como modelo de (auto)avaliação da vida intelectual e profissional, nas universidades federais, para provimento do cargo de adjunto, cujo acesso acontecia, até então, mediante concurso público de provas e títulos. Nos anos 1990 esse gênero se diversificou sob várias denominações: memorial de formação, reflexivo, descritivo, formativo ou, simplesmente, memorial, como trabalho final de cursos de graduação, para exame de seleção na pós-graduação e, nos últimos anos, como dissertação de mestrado profissional.

É, pois, com igual encantamento que tenho a honra de apresentar sete memoriais defendidos recentemente em duas universidades federais: seis memoriais na Universidade Federal de Santa Maria e uma tese memorialística na Universidade Federal de Pernambuco. Esses ‘cantos’ de experiência vivida, desde o Rio Grande do Sul até o Nordeste do Brasil, foram requeridos como requisito parcial para a promoção à Classe E, de Titular, à qual, até 2012³, acedia-se mediante concurso público de provas e títulos.

Agradeço ao professor Claudemir de Quadros, editor da *Regae - Revista de Gestão e Avaliação Educacional*, pelo honroso convite para me juntar aqui aos demais autores, mas também pelo encantamento que a leitura de seus memoriais me proporcionou. Com muito prazer tento esboçar uma reflexão com a pretensão de prenunciar a leitura deste

¹ As aspas remetem ao título da obra Jay (2009).

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Cidade de São Paulo, Brasil. E-mail: mariapasseggi@gmail.com.

³ Lei n. 12.772, de 28 de dezembro de 2012, alterada pela lei n. 12.863, de 24 de setembro de 2013.

número especial, que põe à disposição do grande público vidas de docentes, contadas e refletidas por protagonistas da história da educação brasileira, invisibilizadas se permanecessem guardadas, o que muitas vezes acontece como algo de menor importância.

Há, de fato, um duplo encantamento. O primeiro é o de um gradual envolvimento com percursos intelectuais, pessoais, militantes, profissionais, científicos descritos e interpretados pelas professoras Beatriz Unfer, Dóris Pires Vargas Bolzan, Ana Fátima Viero Badaró, Estela Maris Giordani e pelos professores Edilson Fernandes de Souza, Valdo Barcelos e Amarildo Luiz Trevisan. Ainda que essas escritas tenham sido motivadas por uma reflexão injuntiva sobre a vida acadêmica e a liberdade de cátedra, trata-se de saber o que ganhamos com a leitura de cada memorial aqui publicado? A ideia é que, com afirma Jay (2009), com este “paseo por las narrativas de otros, expandimos nuestras vidas y surgimos transformados” (p. 271). Não seria já uma boa justificativa para examiná-los?

O segundo encantamento decorre da curiosidade que desperta o desafio de escrever e defender publicamente um memorial diante de um júri formado por titulares examinadores internos e externos à instituição de pertença. Mas antes é preciso entender esse gênero discursivo híbrido com suas faces interrogativas. Uma face visível, voltada para a avaliação, realizada por quem escreve sobre si mesmo e pelos pares. E uma face oculta, ou ocultada, que “más allá de la mera introspección, lo cual confirma lo que ya somos” (Jay (2009, p. 271), ela seduz por suas dimensões heurística, hermenêutica, autopoietica e política, ainda mal compreendidas, pelo enfoque primordial na avaliação e na gestão de recursos humanos. Como se lerá, nos memoriais aqui publicados, o que mais importa ao longo do processo é o que resulta do percurso reflexivo-crítico que se realizou durante a travessia de transfiguração da experiência vivida em experiência narrada. Pois, em maior ou menor grau, a escrita do memorial ou da tese memorialística lhes permitiu (re)construírem a historicidade de seus percursos, de suas aprendizagens e até mesmo de imagens de espaços-tempos em que julgam ter fracassado.

De modo geral, cada memorial se inicia, como denomina Philippe Lejeune (2008), por um pacto autobiográfico com a pessoa que o lê e a instituição em que exercerá o cargo de titular. Tal pacto evidencia desde o início que não se trata de uma escrita voluntária, espontânea, livre, bem ao contrário, ela se apoia em critérios estabelecidos por marcos legais, resoluções internas da UFSM e da UFPE e recomendações da lei n. 12.772, de 28 de dezembro de 2012, em que se estabelece a defesa de um memorial ou de uma tese acadêmica inédita.

Nesse sentido, os memoriais contemplam atividades canônicas de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica, produção científica e formação de recursos humanos. Esse é o roteiro norteador adotado em todos os memoriais e na tese. Não poderia deixar de dizer que autores-narradores fogem desse roteiro com ricas descrições da vida pessoal, mas também, que pela necessidade premente de obedecer ao roteiro e dar visibilidade ao que se fez, a leitura fluente é suspensa pela intrusão de quadros sinópticos que vêm romper a narrativa-reflexiva e, de certo modo, engessar uma reflexão-crítica sobre o que ali se re(a)presenta.

Intento agora a sintetizar o que esse passeio pelas narrativas de professores titulares me permite dizer que elas podem expandir nossas vidas e surgirmos transformados por elas e com elas.

Em *Sentidos da docência em odontologia: memorial*, a professora Beatriz Unfer, da UFSM, centra-se na oportunidade de uma escrita que a autoriza a plasmar seus modos de pensar e agir como docente nos 25 anos de vida acadêmica e dar sentido ao que pode fazer na universidade. Tempo de uma ou quase duas gerações de jovens universitários. E assim fui expandindo minha vida, conduzida por seu olhar avisado e comprometido com a saúde pública, tal como ela fez com estagiários que aprenderam com ela mais sobre o Sistema Unificado de Saúde brasileiro, sem dúvida alguma um dos mais amplos do mundo no atendimento à população que vive em situação de vulnerabilidade social: “*Eu pensava que era precário e com profissionais desqualificados*”, afirma um dos estagiários e depois de uma reflexão-ação-reflexão cidadã um outro pode afirmar: “*Eu quero trabalhar no SUS*” (Unfer, 2021, p. 5) É edificante a reflexão da professora Beatriz sobre o que ela se propôs e o que propôs fazer em suas disciplinas, resultado de muito estudo, desde Sócrates, passando por Paulo Freire, Ruben Alves, para chegar a Edgar Morin, sempre com foco na humanização da saúde, do ensino, de entrada na vida prática, sabendo que ela se faz primeiro por humanos, que humanizam o mundo. Como não concluir dizendo que vale a pena ler essa vida narrada e refletida que engrandece a universidade brasileira?

O professor Amarildo Luiz Trevisan, na escrita de seu *Memorial de formação, aperfeiçoamento e pós-graduação*, levou-me a retomar indagações que atormentam quem pesquisa e quem acompanha pesquisas educacionais por caminhos e veredas epistemológicas da educação: para quê educar ou para que fins serve a educação?, indaga Trevisan. E acrescentaria, retomando uma frase que vem me torturando, desde 2004, de meus contatos com Pierre Dominicé (2000, p. 84): qual é a especificidade epistemológica do saber produzido em educação? Para Dominicé a Educação enfrenta o seguinte dilema: produzir conhecimentos, utilizando métodos de outras ciências sociais e humanas - o que tem sido usualmente a opção adotada por quem a considera como ciência aplicada -, ou aceitar deliberadamente mudar de paradigma, o que tem sido a aventura de quem pesquisa por caminhos considerados improváveis. Uma alternativa para Dominicé (2000) é a de pesquisadores que adotam o paradigma narrativo-biográfico em educação, que nos últimos quarenta anos se desenvolveu em diferentes países sob diferentes denominações: *biographieforschung*, *biographical research*, *recherche biographique en éducation*, *narrative inquiry*, *investigación biográfico-narrativa*, pesquisa (auto)biográfica. Paradigma que se preocupa, como faz Trevisan, com a “complexidade que envolve o ato de ensinar e de aprender entre Filosofia Analítica, Filosofia Continental”, incluindo hermenêuticas prática e reflexiva, Literatura e Artes, biopolítica para além das fronteiras disciplinares e na companhia de seus autores preferidos: Adorno, Gadamer, Habermas e muitos outros como, por exemplo, Austin, Ricœur, Dilthey, este último que, ao fundar as Ciências Humanas, propôs um paradigma compreensivo como alternativa ao paradigma explicativo das Ciências Naturais. Trevisan nos leva a navegar com ele por entre questões agudas que permeiam seis projetos de pesquisa financiados pelo CNPq, em que segue “questionando a racionalidade de nosso sistema de crenças e valores que divide a racionalidade ocidental entre essência e aparência, corpo e alma,

normativo e vivido, teoria e prática e demais binômios aparentemente irreconciliáveis” (Trevisan, 2021, p. 2). Foram grandes as curiosidades e o prazer de acompanhar Trevisan por caminhos que vão além do saber-fazer para se elevar ao saber-expressar e pensar criticamente a vida universitária, o que se faz dela, com ela e por ela.

À luz do candeeiro e o constructo do ‘eu’ fonte: educação pela arte, ciência e política. É esse o título escolhido pelo professor Edilson Fernandes de Souza, como síntese e anúncio das 328 páginas de sua tese, apresentada e defendida por ocasião de sua passagem a Titular, na UFPE, reproduzida na íntegra. Emocionante luz das candeias que me traz à memória lembranças da minha vida de menina em terras fincadas no interior do Nordeste. Sua obra é um estudo minucioso, iluminado por princípios epistemológicos de abordagens biográficas, em que vai fundamentando seu percurso desde o jovem bailarino do Balé Primitivo de Arte Negra de Pernambuco ao professor candidato a reitor da UFPE. Universidade que abriga a Faculdade de Direito, criada em 1827, por onde passaram prestigiosos juristas, diplomatas, escritores, políticos. Entre seus alunos, um que desistiu da profissão e preferiu optar pelo magistério - professor Paulo Reglus Neves Freire (1921-1998) - para se tornar Patrono da Educação brasileira, fundador do paradigma emancipatório em educação e um dos autores mais citados no mundo. A tese, que estou chamando de memorialística, se situa entre ciência, arte e política, bem na perspectiva de Dilthey (2010), para quem “a conexão entre vivência, expressão e compreensão mostra-se por toda parte como procedimento, por meio do qual a humanidade existe para nós como objeto das Ciências Humanas” (p. 29). É preciso ler para entender como Souza opera a comunhão entre dois modos de funcionamento da cognição humana, cada um permitindo formas de ordenar a experiência e de construir a realidade: o modo paradigmático, lógico-científico e o modo narrativo, histórico, que segundo Bruner (2001), “embora complementares não se reduzem um ao outro” (p. 12). Fica o convite para compreender com Souza que o ato de narrar é humano e que autobiografar um processo civilizatório (Passeggi, 2010). E, como ele afirma que “somos todos políticos, vivemos numa polis moderna, mas uma polis”, em que agimos com e pela palavra narrada, com imagens e sons numa ágora digital, planetária. De modo que, podemos dizer hoje: “Narrar é político!”.

O professor Valdo Barcelos doa, num gesto filial, o seu *Memorial acadêmico e científico: formação, aperfeiçoamento e pós-graduação* ao seu pai, Admar Barcelos, e à sua mãe, Anália Ferreira Barcelos, “que, como tantos outros brasileiros deste país, de dores anônimas, morreram sem aprender a boniteza que é ler e escrever” (Barcelos, 2021, p. 2). Essa homenagem anuncia, desde o início, a amorosidade com que pautará seus estudos, pesquisas e orientações de mestrado e doutorado desenvolvidos, como ele afirma, “na busca de uma transformação em meu devir humano no sentido da construção de um fluir do viver tendo o amor como o fundamento orientador das relações que busco estabelecer” (p. 5). Sua vida universitária é prestigiosa, pautada em publicações - 26 livros -, e aquela que resulta de sua tese - *Octávio Paz: da ecologia global à educação ambiental na escola* - foi publicada pelo Instituto Piaget de Lisboa. Barcelos fez curso com Humberto Maturana, ocupa na Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências - Alpas - a cadeira cujo patrono é Paulo Freire. São tantas as medalhas de honra ao mérito atribuídas a este intelectual brasileiro filho de pais privados da educação que é preciso ler

para entender sua trajetória. Confesso que fui tocada pelo título de seu projeto de pós-doutorado centrado na formação docente: *Antropofagia cultural brasileira e educação ambiental: contribuições à formação de professores(as)*, talvez porque me fez lembrar do Manifesto da antropofagia periférica (Fernandes; Leite, 2019). Nós, descendentes de pessoas privadas do direito de ler e escrever, nós que rompemos a cadeia nos tornando o primeiro a ter acesso ao ensino superior, vindos de uma ascendência secular indígena-afro-europeia, nômades neste vasto país, que vivemos à margem, será que não nos devemos um manifesto de Antropofagia cultural brasileira? Um manifesto que expresse nossa resistência, a exemplo do Manifesto da Antropofagia Periférica, que se posiciona “contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural”, e o nosso contra a falta de escolas que não excluam quem há séculos sofre os mais diversos preconceitos que legitimam a segregação? O canto de experiência, ritmado, poético e amoroso, entoado por Barcelos em seu memorial pontua uma trajetória improvável como a de outros colegas que fazem a universidade brasileira. Aprendi muito com o percurso de um professor generoso que conclui seu memorial com um delicado e amoroso abraço aos colegas professores que se fizeram presentes na defesa de seu memorial e que certamente diria o mesmo a quem se dispuser a encontrar nas linhas e entrelinhas de sua vida ‘o poder do amor’.

A professora Dóris Pires Vargas Bolzan delimita desde o título - *Memorial 2007-2017: professor titular* - a temporalidade que focaliza em sua trajetória: os últimos dez anos de sua vida universitária, conforme exigência institucional, embora o seu percurso de 37 anos, em várias modalidades de ensino, é o que fez dela a professora que é. Seu memorial, ilustrado com fotos, traz mais vida ao seu canto, desanonimiza sua pessoa desde a infância. Contrariamente às biografias e autobiografias, notadamente de celebridades, os memoriais são textos sisudos, em preto e branco, sem faces, sem cores, como requer a suposta cientificidade acadêmica desse gênero híbrido por natureza. Mas o que dizer dos tratados de Biologia, Anatomia, Botânica, Física, etc., sem imagens detalhadas, coloridas, em movimento? Bolzan retraça um percurso marcado pela criatividade e inventividade desafiadoras que certamente (re)aprendeu ao se interrogar sobre tudo que podem as crianças e o que pode a criança guardada dentro dela. Em sua militância e no seu desejo de “fazer da docência algo prazeroso, instigante, necessário, importante de fato” ela envereda pela abordagem narrativa sociocultural, sem medo de interrogar a subjetividade, por vezes esquecida, evitada sob suspeitas, ou posta no limbo e ousa perguntar: “Como observar o mundo de cada sujeito? Com que olhos olhar esses mundos?” (Bolzan, 2021, p. 16), fortemente ancorada nos aportes teóricos da perspectiva sociocultural com base no pensamento de Vygotsky, Bakhtin, Davidov, Markova, Leontiev, incluindo Josso, Paulo Freire, Clandinin e Connelly. Sua trajetória, marcada por princípios epistemológicos de horizontalidade, nas relações professor-aluno, entre quem pesquisa e quem participa das pesquisas, tem como foco a importância de comunidades de atenção mútua, a inteligibilidade coletiva, a cooperação. Bolzan aponta seis propostas de Calvino (1990) para o próximo milênio e, por que não, para hoje? Amanhã pode ser tarde demais. Eis as qualidades necessárias à existência do humano, se entendi bem: *leveza* [isso nos falta], *rapidez* [sim, agir na urgência, é o legado recente da pandemia], *exatidão* [busca de coerência e de sentido para o que fazemos], *visibilidade* [isso faz falta aos despossuídos, aos mais vulneráveis, incluindo quem exerce o ofício de acompanhamento invisível em

educação e saúde], *multiplicidade* [somos múltiplos em nossa unicidade] e *consistência* [nesse mundo líquido, entre experiências e amores líquidos, eis o desafio ou uma aposta?]. Tais virtudes são suscetíveis de fortalecer a genteidade com a qual Bolzan busca se constituir como pessoa e profissional. Por tantas aprendizagens que fiz com a leitura de seu memorial é que desejo a mesma proveitosa leitura por disponibilizada para este número especial.

A professora Estela Maris Giordani também anuncia desde o título de seu memorial o que a vida lhe ensinou: *Aprendizagens e exercício profissional na UFSM: um instrumento na sinfonia da vida*. Ressalto que se trata de uma vida universitária enriquecida por experiências culturais vividas em diferentes contextos: Universidade Estatal de São Petersburgo, Universidade de Genebra, Universidade de Santiago de Compostela e na América Latina, para além de toda uma vida no mundo universitário brasileiro. O que encanta nessa trajetória é que Giordani começa pelo começo: “com 11 anos já era responsável por toda a lida doméstica [...], tornei-me professora de Catequese” (Giordani, 2021, p. 3), aos quatorze/quinze anos passou a ensinar violão, todos os sábados, a crianças, em seguida, segue para a Apae onde trabalhou com pessoas com deficiência mental. Mas é por meio da Pedagogia *Ontopsicológica* que ela investiu na tentativa de “cunhar a parte mais difícil, delicada e importante de [sua] profissão pedagoga, [sua] personalidade” (p. 1). É com o Maestro Antonio Meneghetti, que desde 1987 ela afirma percorrer “uma estrada que venho construindo até hoje que se interessa pelas minhas mais profundas verdades, aquelas que dizem respeito à busca da construção da projeção única que o ser fez em minha existência e com a minha responsabilidade individual buscar compreender a mensagem e atuar dentro de mim mesma” (p. 4). Seu memorial me levou a Marcel Proust - *Em busca do tempo perdido* -, a Virgínia Woolf por sua inspeção e contínua busca do seu interior para se conhecer. Para a professora Estela Maris seu memorial é algo especial, por conduzi-la à seguinte conclusão: “Então, o que valeu a pena foram as vidas que eu auxiliei com a minha vida” (p. 59). É com essa expectativa que se leem as autobiografias intelectuais. Lembro de Bourdieu (Passeggi, 2014), em *Esboço de autoanálise*, no seu afã de se examinar e de examinar a obra que deixou. O ‘si mesmo’ é o ‘eu’ examinado, nos diz Ricœur (1983). É o exercício que faz Giordani situando-se entre o ‘eu real e o ideal’ da professora que ela é: “não apenas na minha formação intelectual, mas na compreensão das minhas emoções e da construção da própria consciência. Portanto, grande parte do que reputamos por ‘eu’ não é nada mais do que o modo que subjetivamente o indivíduo construiu para responder ao superego do grupo, deixando para trás todo o enorme recurso que possui dentro de si para pôr em ato aquilo que cada um é, por intencionalidade da vida” (Giordani, 2021, p. 13). Para Gadamer (1996), “o sentido da pesquisa hermenêutica é desvendar o milagre da compreensão e não a comunicação misteriosa das almas” (p. 75). A consciência histórica é, em suma, autoconhecimento, consciência ética e conhecimento crítico das obrigações e das finalidades que nos servem para examinar o que a cultura - o superego do grupo - nos oferece. De onde a importância das escolhas que fazemos. Esse mergulho no si mesmo é o convite que Giordani nos faz.

Este número especial da *Regae* se fecha com o memorial de Ana Fátima Viero Badaró: *Memorial de títulos apresentado para promoção docente à Classe E da Universidade Federal de Santa Maria*. Ao falar de sua vida na universidade Badaró retrata quarenta anos de história da Fisioterapia no Brasil e de história do Curso na UFSM, das quais participou como protagonista na luta de classe pela regulamentação da profissão, em sua proposta pela criação de especialidades e na busca de uma visão mais abrangente da Fisioterapia articulando, por exemplo, fisioterapia musculoesquelética, respiratória e neurológica. Por outro lado, é significativa sua participação, na UFSM, na “formação de quase todos os egressos do curso [...] que até essa data, já formou 1.415 fisioterapeutas” (Badaró, 2021, p. 10). Passaram por seu acompanhamento acadêmico “várias gerações de alunos, às quais sempre procur[ou] mostrar a importância do estudo, da pesquisa e das atividades extensionistas, as quais extrapolam as fronteiras da sala de aula” (Badaró, 2021, p. 10). Encontra-se, em Badaró, uma referência comum à área de saúde, a inspiração do pensamento de Paulo Freire para a humanização do atendimento em saúde coletiva no Brasil. É o que sugere o título de sua dissertação de mestrado *Conscientização corporal do trabalhador bancário: um estudo de caso*, em que disserta sobre o autocuidado corporal, a sensibilização de gestores para a ergonomia e problemas acarretados pela LER. O nomadismo escolar e acadêmico do qual fala Badaró é representativo daquele vivenciado por muitas gerações. A autora atravessa o país para desembarcar em Santa Maria. Ela passa por Santiago/RS onde nasceu, São Paulo, São José do Rio Preto/SP, Boa Vista/RR, Lins/SP, Campinas/SP, Amparo/SP, Osasco/SP. Diante de uma vida tão vinculada à história da profissão e à docência, é importante indagar por que Badaró insiste sobre sua hesitação para se apresentar ao concurso de Titular. Essa hesitação diante da escrita do memorial é muitas vezes paralisante: “Custei muito a me decidir por fazê-lo, na angústia de não ter concluído tudo o que poderia e gostaria de fazer” (p. 1). Ao ler seu memorial lembrei-me do quanto me custou escrever o meu, em 2010, quando o concurso para Titular ainda era de provas e títulos. À época, havia transcorrido mais de dez anos que me dedicava à pesquisa sobre o memorial. Então, por que razão me sentia tão desprovida para escrever sobre minha longa vida acadêmica? A leitura do memorial da professora Ana Badaró leva-me a confirmar, como insiste Ferrarotti (2014), que podemos ler a história social pela via de histórias individuais. Essa difícil travessia é aqui partilhada e de grande inspiração para quem se prepara ao exercício de escrita do memorial.

Para finalizar o exercício de apresentação deste número, que poderia continuar por muitas e muitas páginas, desejo finalizar acrescentado que, contrariamente aos memoriais de professores de minha geração, que permaneceram por muitos anos à espera de uma vaga ao cargo de titular e que retratam longos percursos no magistério superior, os memoriais defendidos mais recentemente se situam numa ruptura com essas gerações anteriores e em sintonia com as mudanças históricas da carreira docente nas universidades federais. Primeiro, eles são marcados pela recentidade da experiência vivida. Segundo, o fato de os jovens titulares acederem ao último nível da carreira em plena marcha. De modo que, em oposição a resoluções anteriores, que solicitavam um plano de atuação na universidade, quando o candidato ocupasse o cargo de Titular, as recomendações atuais não requerem esse plano de atividades. É bem verdade que não narramos nossa história para nos enclausurarmos no passado, mas para nos projetar em

devir. Parece-me que esse olhar realizado no presente, aqui e agora, ganharia em profundidade se houvesse mais espaço para esses dois movimentos, retrospectivo e prospectivo, como instâncias cruciais da escrita e de modos institucionais de autotematização, autointerpretação, em que se articulam a mesmidade - o que permanece de mim em mim - e a ipseidade - o eu refletido em auto(trans)formação permanente, como propõe Paul Ricœur (2010) para conceber a identidade narrativa. Em decorrência dessa tomada de consciência de si mesmo como ser histórico, abrem-se horizontes de expectativas em que podem se afirmar emancipação ou resistência diante do que a cultura ofereceu e nos oferece e do que podemos ainda oferecer.

Por essa razão, parece-me que na avaliação do memorial o que importa não é tanto os acontecimentos em si, mas o modo como se interpreta o que aconteceu e como a pessoa que narra seleciona, articula, valora, nega, decide, toma iniciativa, reproduz atitudes, rompe, inova. Em suma, como associam “a vida, a experiência vivida e a ciência”, como estimava Dilthey (2010). Seria nessa articulação que emergem a agência e a capacidade de emancipação ou, ao contrário, em que o sujeito se enclausura no vivido.

A experiência narrada no memorial não é nem uma ilusão biográfica, como afirmava Bourdieu (1998), nem uma ficção, como insistem teóricos da suspeição, nem tampouco uma prática terapêutica. A reflexividade autobiográfica, central nesse tipo de escrita institucional, me permite retomar o que afirmava Dilthey (2010) ao fundar as Ciências Humanas. Essa reflexividade estaria na base da consciência história diante do que a cultura nos oferece. É com ela que retraçamos nossa própria historicidade, marcada por incertezas e ambiguidades, em busca de sentido, que é em suma a busca de coerência no emaranhado em que vivemos, entre acontecimentos caóticos, contraditórios, sem sentido, informes, entre presente, passado e devir. Para um olhar menos avisado, o memorial, como toda narrativa autobiográfica, tende a ocultar essa visão prospectiva que lhe dá vida, corpo, sangue e espírito. Esse gênero discursivo se conclui quando o ponto final coincide com o presente de quem narra, deixando em aberto o horizonte para novas histórias a serem narradas. Afinal a vida é uma história a ser narrada! Politicamente narrada! Ou, como diria Ricœur (2010) quando interroga a relação entre a vida e a narração: “A vida: uma narrativa em busca de narrador” (p. 197). O que é desejável é que a pessoa narradora se autorize a narrar e se aproprie de seu lugar na pólis, hoje planetária.

Para finalizar, confesso que ficou faltando examinar o quanto essa atividade de escrita, diante da qual se hesitou e foi justificada pela injunção institucional, se tornou uma atividade prazerosa (Passeggi, 2011), uma ilha de edição. Deixo para quem ler este número especial da *Regae* perfazer tal percurso, encontrar, por exemplo, de quem retomo a citação a seguir e responder sua indagação final, “acabamos construindo uma imagem de nós mesmos que não é exatamente aquela que gostaríamos que fosse, mas aquela que foi possível por nós desenhar dentro dos limites de nossos estereótipos. O que torna este meu memorial algo especial?” (*a preencher!*)

O que faz do memoriais algo tão especial? Talvez tenha deixado aqui expressas algumas das razões pelas quais mantenho o mesmo encantamento ao ler as histórias narradas por professores deste vasto país e encontrar no encadeamento da intriga como fazem para torná-lo melhor e mais justo.

Referências

- BADARÓ, Ana Fátima Viero. Memorial de títulos apresentado para promoção docente à Classe E da Universidade Federal de Santa Maria. *Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.*, Santa Maria, v. 10, n. especial, 2021, p. 1-42.
- BARCELOS, Valdo. Memorial acadêmico e científico: formação, aperfeiçoamento e pós-graduação. *Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.*, Santa Maria, v. 10, n. especial, 2021, p. 1-24.
- BOLZAN, Dóris Pires Vargas. Memorial 2007-2017: professor titular. *Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.*, Santa Maria, v. 10, n. especial, 2021, p. 1-39.
- BRUNER. Jerome. *Realidade mental, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. São Paulo: Unesp, 2010.
- DOMINICÉ, Pierre. *L'histoire de vie comme processus de formation*. Paris: L'Harmattan, 2000.
- FERNANDES, Rafaela; LEITE, Fernanda. Antropofagia marginal periférica ecoando das favelas. *Letras*, Santa Maria, v. 29, n. 59, 2019, p. 473-489.
- FERRAROTTI, Franco. *História e histórias de vida: o método biográfico nas ciências sociais*. Natal: UFRN, 2014.
- GADAMER, Hans-Georg. *Le problème de la conscience historique*. Paris: Seuil, 1996.
- GIORDANI, Estela Maris. Aprendizagens e exercício profissional na ufsm: um instrumento na sinfonia da vida. *Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.*, Santa Maria, v. 10, n. especial, 2021, p. 1-60.
- GOMES, Luanna; COSTA, Patrícia; NAZÁRIO, Cláudia. Memorial escolar: uma produção significativa. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 5, n. 15, 2020, p. 1170-1190.
- JAY, Martin. *Cantos de experiência: variaciones modernas sobre un tema universal*. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- PASSEGGI, Maria Conceição. Injunção institucional e sedução autobiográfica: as faces autopoietica e avaliativa dos memoriais. In: BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre; PASSEGGI, Maria (org.). *Memorial acadêmico: gênero, injunção institucional, sedução autobiográfica*. Natal: UFRN, 2011, p. 19-39.
- PASSEGGI, Maria Conceição. Narrar é humano: autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria Conceição; SILVA, Vivian Batista da. *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130.
- PASSEGGI, Maria Conceição. Pierre Bourdieu, da ilusão à conversão autobiográfica. *Revista da Faaeba: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 23, n. 41, 2014, p. 223-235.
- PASSEGGI, Maria Conceição. Reflexividad narrativa: vida, experiencia vivida y ciencia. *Márgenes Revista de Educación de la Universidad de Málaga*, Málaga, v. 1, n. 3, 2020, p. 91-109.

RICŒUR, Paul. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-191.

RICŒUR, Paul. *Escritos e conferência I: em torno da psicanálise*. São Paulo: Loyola, 2010.

RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa, tomos 1, 2, 3*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RICŒUR, Paul. *Temps et récit: l'intrigue et le récit historique*. Paris: Seuil, 1983.

SOUZA, Edilson Fernandes de. À luz do candeeiro e o constructo do 'eu' fonte: educação pela arte, ciência e política. *Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.*, Santa Maria, v. 10, n. especial, 2021, p. 1-325.

TREVISAN, Amarildo Luiz. Memorial de formação, aperfeiçoamento e pós-graduação. *Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.*, Santa Maria, v. 10, n. especial, 2021, p. 1-21

UNFER, Beatriz. Sentidos da docência em odontologia: memorial. *Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.*, Santa Maria, v. 10, n. especial, 2021, p. 1-18.

Maria da Conceição Passeggi é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e na Universidade Cidade de São Paulo.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4214-7700>.

Endereço: Alameda das Margaridas, 1275/201 - 59020-580 - Natal - RN - Brasil.

E-mail: mariapasseggi@gmail.com.

Critérios de autoria: Maria da Conceição Passeggi concebeu o texto na sua integralidade.

Recebido em 16 de outubro de 2021.

Aceito em 27 de outubro de 2021.

